



A PRIMEIRA LINGUAGEM PLÁSTICA GALEGA

A arte rupestre galaica constitui um primeiro exemplo dum conjunto simbólico próprio do nosso território. Com distintas funções propagandísticas e espirituais, os petróglifos som pegada dum modo de vida que os nossos antepassados quigérom, frente a métodos mais doados como a pintura, deixar gravados para perdurarem para as gerações futuras.

CRIAÇOM

Miguel Ángel Alonso Diz nom é alheio às iniciativas literárias que abundam na rede. Este forjador de versos foi recomendado polos seus companheiro no blog As Escollas Electivas, forma parte do espaço "A Porta Verde do Sétimo Andar" e participa em muitas outras iniciativas culturais na Galiza e Portugal. Este mês visita o Novas da Galiza com um texto para a reflexom.

CINEMA

Xurxo Chirro compara o tratamento dado ao 'Novo Cinema Galego', e a sua relação ao resto do estado espanhol, em dous artigos das revistas espanhola e francesa 'Caimán' e 'Cahiers du Cinema'. Mais umha vez, outros a contar a nossa história com linhas tortas.

TEMPOS MODERNOS

O mestre em chamas

Xavier Viana

A educação é esse tudo forjado com a passagem do tempo por todas as sociedades para facilitar a aprendizagem. É tão universal como a vida mesma, e é imprescindível para os processos de subsistência, interação simbólica e organização de qualquer grupo humano. As crianças e adultos jovens são educados para participar na comunidade de jeito culturalmente apropriado por meio de diferentes instituições, desenvolvendo habilidades, aptidões e destrezas que lhes permitam reproduzir os valores culturais e as estruturas sociais. Ou, pelo menos, isso é o que se espera. Porque sempre há alguém entre os bongo-bongo ou na paróquia vizinha que teima em fazer exatamente o contrário do que os seus educadores e educadoras procuraram nos seus ensinamentos.

conta uma lenda chinesa que o servo perguntou a Confúcio sobre a sua sabedoria: "não conheço muitas coisas, simplesmente apanhei o fio da história por onde ia".

A flexibilidade das pessoas para se adaptarem ao comportamento desejado (múltiplo e diverso entre as povoações humanas),

a dependência da vida social, do grupo, dos demais, e a infinita capacidade para aprender, fazem do processo educativo uma responsabilidade coletiva, de toda a comunidade, de toda a tribo.

Para nós, isso tudo resume-se numa palavra: escola. O modelo ocidental de escolarização burocraticamente institucionalizado que se estabeleceu a partir de meados do século XIX, com independência das ideologias e regimes políticos, estendeu-se por todo o mundo durante a segunda metade do século XX, da mão do fortalecimento dos estados como entidades políticas de controlo absoluto dos cidadãos que residem no seu território.

a escolarização no nível de primária foi legalmente obrigatória antes de 1900 na Europa, América do Norte e Japão.

Neste contexto, a escola passou a ser a esperança de melhora dos diferentes países. Assim, os planos de estudo, a ligação com as instituições religiosas e económicas, os profissionais especificamente formados ou os programas de qualidade educativa, são, ainda hoje, questões presentes nos debates académicos, políticos e de café do nosso ambiente mais próximo. Eis a importân-

cia social da educação.

No século XVI, as civilizações urbanas (Europa, Oriente Próximo, Índia, China e Japão) respondiam ao modelo escolar de mestre-aprendiz. No século XXI, esta ideia do *aprender fazendo* regressa com muita força como consequência das descobertas e avanços nas ciências cognitivas e, nomeadamente, dos avanços tecnológicos no armazenamento artificial de informação e transmissão da mesma.

Howard Gardner (titular da cátedra de Cognição e Educação da Universidade de Harvard) narra, numa entrevista, a história dum aluno que lhe disse, numa aula, que estava a explicar alguma coisa de jeito incorreto:

-Porque afirmas que não é correto? – retrucou Gardner.

-Porque num artigo seu que estou a ler no meu tablet você diz uma coisa diferente – respondeu o aluno.

O modelo atual, herdado das revoluções industrial e científica, tem um programa universal para todos os estabelecimentos de ensino (currículo), os estudantes estão classificados por idades desde a educação infantil, o conhecimento dilui-se na memorização, o resultado antepõe-se ao processo, os estudantes são considera-

dos clientes, as aprendizagens são consideradas produtos e, o mais dramático, é que a compreensão é avaliada exclusivamente por duas modalidades: linguística e matemática. Os exames e qualificações estão presentes a cada vez em idade mais precoce, sem ter em consideração que a inteligência, o *saber fazer*, não tem relação com a capacidade de explicá-lo ou calculá-lo. Haveria que lhe perguntar aos estadistas, aos economistas, aos pedagogos e psicólogos governamentais se já calcularam quantos distribuidores e caixas de supermercado poderiam ser melhores cirurgiões que os que já temos nos nossos hospitais?

um cirurgião precisa de ter uma capacidade óculo-manual extraordinária, uma facilidade para processar o conhecimento através do movimento do próprio corpo por cima da média e uma motricidade fina especialmente desenvolvida.

Nas aulas de infantil, primária e secundária, há crianças, homens e mulheres, virtuosos da cinética corporal, da visão e representação simbólica da realidade, da composição musical, da classificação dos organismos vivos, da compreensão dos fenómenos físicos da matéria ou da sensibilidade polos sentimentos dos demais, que, não obstante, não respondem corretamente às questões

que lhe são formuladas numa folha durante uma ou duas horas. Questões que estão, simplesmente, a 3-4 segundos de poderem ser consultadas em qualquer meio tecnológico atual. Suspendem sem que ninguém reparasse no seu talento natural, intuitivo, para saber fazer, uns anos depois, o trabalho de engenheiros, arquitetos, professores, músicos, artistas, designers, juizes, psiquiatras, químicos... porque talvez nestes ofícios, só talvez, não está quem tinha que estar.

A nossa escola, se quer estar legitimada como espaço educativo que permita a igualdade no acesso à lecto-escritura, à lógica, à música, à arte, ao movimento, à percepção do ambiente e do um mesmo, à imaginação e às emoções de compartilhar o mundo, precisa de reconhecer a importância que os costumes, normas, hábitos de cada cultura têm na aprendizagem dos nenos e nenas e, sobretudo, aceitar que a diversidade entrou nas escolas para não marchar. As capacidades e as deficiências, é dizer, o desenvolvimento integral das pessoas é tão diverso como a própria natureza humana. Porque a diversidade é mestiçagem. E a mestiçagem permitiu a sobrevivência da espécie desde que a Eva mitocondrial (e algumas das suas contemporâneas) decidisse parir um *sapiens sapiens* há 100-150 mil anos.



Petróglifos: a primeira linguagem plástica galaica

Rubén Melide

É nas áreas graníticas do Maciço Galaico, especialmente à volta das Rias Baixas, onde encontramos estas singulares realizações artísticas correspondentes aos primeiros tempos das idades metalúrgicas. Embora existam notáveis semelhanças com produções coetâneas da Grã Bretanha e da Irlanda, a arte rupestre galaica constitui umha rede de significantes e significados –estes últimos pior conhecidos do que os primeiros– particular da nossa terra e, como tal, um dos primeiros símbolos da identidade diferencial galaica ao longo dos tempos.

Até quatro milénios de antiguidade

Entre os estudiosos, existe um consenso generalizado na hora de entender a nossa arte rupestre como um produto das comunidades galaicas da Idade do Bronze. Investigadores como Antonio de la Peña Santos fiam mais fino, reduzindo o seu desenvolvimento à transição

A arte rupestre galaica constitui umha rede de significantes e significados própria da nossa terra e, logo, um dos primeiros símbolos da identidade diferencial ao longo dos tempos

entre o terceiro e o segundo milénio antes da nossa era, o qual nom quer dizer que em períodos posteriores nom tenham sido gravadas as lajes de granito do país. Assim, a consulta da literatura científica ao respeito desfai a tradicional visom popular que, simplificando, coloca antas, petróglifos e castros no mesmo marco espaço-temporal, atribuindo a sua autoria a um único coletivo protagonista, como seria o dos *mouros*, numha conceção mais clássica, ou o dos *celtas* em tempos mais próximos, especialmente desde o Rexurdimento galego do século XIX.

Apesar de muitas das figuras aparecidas nas nossas penedias nom serem datáveis por si mesmas, existe um pequeno número de ícones que representam obje-



tos muito concretos e atribuíveis a umha época determinada, dado que estão presentes no nosso registo arqueológico. É o caso das representações de armas, tais como os punhais do Castrinho de Conjo (Compostela), Água da Laje (Gondomar) ou a Pedra das Ferraduras, em Cotobade. A correspondência destas representações com objetos reais, concretos e datáveis com maior segurança é a que coloca os nossos petróglifos na antedita transição entre os milénios III e II antes da nossa era.

Dous repertórios, duas linguagens

No tocante à temática e o carácter dos nossos petróglifos, os investigadores temem dividido o repertório em dous grandes blocos ou *linguagens*, às que se temem atribuído funções díspares: de umha banda, temos as representações geométricas ou abstratas, aparecendo pola outra um conjunto de figuras de temática naturalista ou zoomorfa, entre as quais se destacam polo seu número os cervídeos, embora apareçam também outros animais, entre os quais se inclui o ser humano, para além de cavalos e algumas serpes. Cumpre dizermos que as representações de carácter naturalista estão muito mais expostas à vista do que as abstratas, as quais aparecem bem mais escondidas apesar do seu maior número.

As figuras humanas costumam aparecer realizando atividades consideradas como de elevado prestígio social, como som a exibição das anteditas armas metá-

licas, a equitação ou a caça. Este facto leva-nos a pensar que os indivíduos protagonistas destas cenas seriam pessoas destacadas dentro da comunidade, o que por sua vez nos conduz para um modelo de sociedade nom igualitária.

As duas *linguagens* de que se compom o repertório iconográfico rupestre galego parecem ter intencionalidades diferentes. A mais representada teria um carácter mais privado ou iniciático. Tratar-se-ia da encarnada pola temática geométrica, a qual surge em lajes horizontais e pouco destacadas a respeito do terreno circundante. Segundo Peña Santos, esta linguagem seria o produto dum ritual simbólico-religioso de carácter restringido, conclusom a que chega através do acentuado simbolismo das representações geométricas e da pouca visibilidade oferecida por tais realizações. Assim, a maior parte da comunidade ficaria à margem destes rituais. Ao contar com determinadas chaves simbólicas, estes indivíduos agiriam como intermediários entre as potências do além e o resto da sociedade, o qual lhes outorgaria um certo poder espiritual no seio da coletividade.

Por seu lado, as representações da linguagem *aberta* estão realizadas sobre superfícies inclinadas, o qual as fai destacar sobre o terreno e nos leva a pensar que foram concebidas para serem vistas com facilidade, mesmo a partir dumha relativa distância, o que nos levaria a pensar numha função propagandística. O repertório desta segunda linguagem é de

De entre as duas 'linguagens' e funções diferenciadas pela investigação, as representações de carácter naturalista estão muito mais à vista do que as abstratas

carácter figurativo, sendo-nos quase sempre possível identificar os objetos ou seres representados (armamento metálico, figuras humanas e animais). As pessoas representadas estão sempre a realizar atividades de alta consideração social, o que reflete a existência dumhas elites que empregariam as gravuras como meio propagandístico. Assim, ambos os repertórios seriam consequência e retrato dum modelo social que está a experimentar um processo conducente à estratificação e à desigualdade, com duas classes de elites: a *espiritual* e a *política*.

Seja como for, se os nossos antepassados realizárom estas gravuras na pedra em troca de empregarem métodos mais doados e menos custosos, como a pintura, foi com um claro afam de perdurabilidade no tempo e com umha vontade de que a obra rupestre passasse às gerações futuras. Este dado, unido aos outros já referidos, fai com que os investigadores pensem numha sociedade com um mundo espiritual-ideológico relativamente complexo.

O labirinto: um desenho universal

Apesar do seu escasso número na área galaica (só som conhecidos cinco exemplares no país), o desenho do labirinto, chamado de *tipo Mogor* pola representação existente no concelho de Marim, tem o interesse e o mistério de ser um motivo recorrente nas mais variadas culturas e localizações geográficas: dos primeiros tempos da Idade do Bronze até épocas recentes e do Oriente Próximo à América passando por boa parte da Europa, a do labirinto é umha figura quase omnipresente ao longo da geografia e a história. No âmbito galaico, o labirinto tem sido entendido polos especialistas como o fruto de contactos com o Mediterrâneo. Contudo, o significado do labirinto poderia ser diferente ao longo das terras e dos tempos, embora apareçam realizações finais muito similares.

Agressões constantes: o património em perigo

Infelizmente, a arte rupestre galaica costuma ser vítima da desproteção institucional, quando nom é diretamente vítima de ataques fruto da insensibilidade e da falta de educação. É o caso, por colocarmos apenas algum exemplo, da destruição em novembro de 2012 dum petróglifo no concelho de Laça pola construção dum corta-fogo, facto denunciado no seu momento pola Associação Cultural Alto Tâmega. Este atentado tem o agravante de destruir umha realização artística situada numha zona excêntrica, fora da área nuclear da arte rupestre galaica. Por seu lado, em 2010 umha exploração de kiwis destruiu um jazigo no baixo-minhoto concelho de Oia, com a conivência da instituição municipal que teria a responsabilidade de o preservar. Para além disto, os recentes incêndios do verao de 2013 colocárom em risco muitas destas realizações, como assinalou a arqueóloga e decana da Faculdade de História de Ourense, Beatriz Comendador. E é que o nosso património sofre constantemente as consequências do desleixo institucional e da falta de consciência, entre outros males. Polo que a nós respeita, se o presente artigo serviu para ajudar apenas umha pessoa a valorizar mais a nossa arte rupestre, terá cumprido sobejamente o seu propósito.



A FOTO

Charo Lopes

Quando as palabras se repetem pelo seu tom, não pelo seu significado a comunicación ficou rota, pensou Saussure. Quando os discursos se emitirem sem esperanças de que o eco nos devolva nem sequer a memória, daquela o falar não terá cancelas, disse Narciso. Se voltarem a dizer legitimamente, exemplar, democraticamente, ergo-me da cadeira, tiro as algemas, e cuspo na cara ao tribunal.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construcións faraónicas vazias de contido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do noso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

"Quem sou eu? Eu somente sou um fio de voz pendurado na eterna noite dum curruncho esquecido onde quase nom se distingue a ténue luz duns verdes olhos Qainda dormidos. Só isso... um fio de voz, umha ténue luz no meio da escuridade."

A guerra perdida

por Miguel Ángel Alonso Diz

Linha de galego numha escola é dizer reserva índia, gueto em Varsóvia ou em qualquer lugar.

Nom é dizer soluçom, mas sintoma de morte acelerada.

Nom é tranquilidade, é bágua.

Decido nom isolar a minha filha da realidade nem pôr-lhe umha estrela no peito pois já a leva na frente, e apesar de todo o dito, entendo, e sobretudo respeito, os pais que decidem fazer isto.

Neste ano começárom aproximadamente uns 67.500 nen@s na educação infantil do noso país. E talvez seja porque visito escolas de toda a Galiza, que nom sou quem de tirar-me umha terrível visom do peito.

Milhares de galeg@s privados da sua herança, da visom do mundo que tivêrom os que la-tejárom por esta terra antes do que eles.

Milhares de galeg@s que nom esquecerom o que é seu, como figêrom os seus avós e os seus pais, porque simplesmente terán, no melhor dos casos, contacto com umha língua estrangeira que mal vive soterrada na memória dos seus progenitores e que já nom é sua... nem de ninguém.

É responsabilidade de todos, pais e docentes, transmitir o amor pola nossa língua. Demandar material em galego de qualidade ou mesmo criá-lo.

Fácil? Fácil é deixar-se levar?

"Es que para hablarlo mal... "

Somos um reflexo desta guerra perdida.





A diferença está debaixo da tona

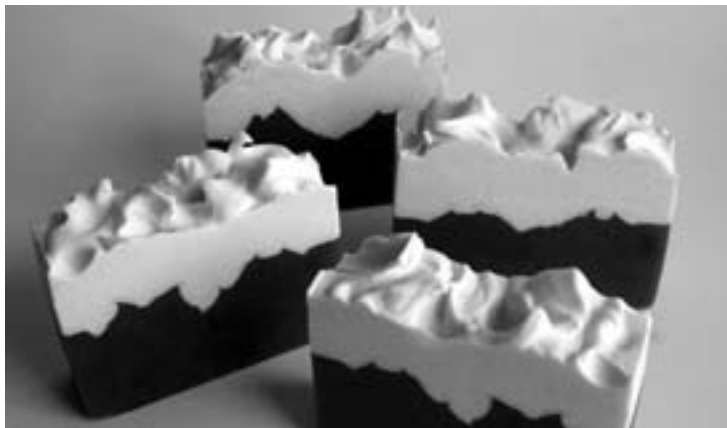
Valentim R. Fagim

É comum classificar-se os seres vivos ou já extintos em eras geológicas. Na Galiza pode-se fazer o mesmo com as cartas dos restaurantes, vejamos como.

A maioria das ementas estão em castelhano e pertencem à era mais antiga de nome aqui-como-em-Múrcia. Por vezes criam situações incómodas. É o que acontece quando pedimos pratos que não aparecem no texto como os já comuns pescada, lulas ou polvo. O empregado olha para nós com estranheza, a letra é a letra. Ora, é preciso reconhecer que, de entre as que estão em galego, há algumas que também

não dão para pedir pescadas, lulas ou polvo. Estão enquadradas numa era também antiquada: não-queiro-dar-nas-vistas. Caracteriza-se por eliminar a maioria de termos que não são dedutíveis a partir do castelhano, o que nos pode condenar a condenar aos petiscos e aperitivos: “queixo”, “chourizo”, ou “xamón”.

Há uma era mais avançada, estou-aqui-e-sou-diferente. Caracteriza-se por nascer da vontade de língua e não se importar por dar nas vistas. Surge num processo similar àquele que levou aos autores e autoras do ressurgimento a criarem um modelo de língua parcialmente afastado das falas populares. Esta vontade é fundamental para jogar a sério mas, como se sabe, potência sem contro-



lo não dá jeito. São precisos referentes sólidos para evitarmos a diferença pela diferença como se passa com Chiculates, Tonas e Patacas Fritidas.

Agora a leitora pensará, referentes sólidos? deve estar a falar

do português do Brasil ou de Portugal. Sim e não, cara leitora, e desculpa que me apodere dos teus pensamentos, quem sabe o que estarias a pensar de certo? Temos essa fortuna, sim, variedades da nossa língua que são nacionais

nos seus países mas nem sempre é preciso dar pulos assim. Reparemos no clássico “tona” quando usado no sentido de “natas”.

Se aguçamos o ouvido quando falamos com os nossos velhos ouviremos falar da tona do cebola ou da tona do mar. Afinal Tona acaba por ter o mesmo sentido que Superfície como se evidencia no seu uso jornalístico fora das nossas fronteiras: filme traz à tona debate sobre eutanásia.

Estou-aqui-e-sou-diferente representa uma fase evoluída nas ementas galegas e tem, sem dúvida, a nossa mais absoluta simpatia. Ora, quando procurarmos debaixo da tona, subiremos mais um degrau que talvez seja o último: estou-aqui-e-sou. A diferença vem de raiz.

CINEMA

Exegese: Caimán vs. Cahiers

Xurxo Chirro

Nos últimos dois meses, apareceram em revistas especializadas de cinema umhas aproximações do Novo Cinema Galego. Umha delas engrossou o número de setembro da revista espanhola Caimán-Cuadernos de Cine (n.º 19) e a outra pode ser encontrada no número de outubro da revista francesa Cahiers du Cinema (n.º 393). Apesar de compartilharem um tema comum, os dous artigos som diferentes e mantêm discursos invisíveis dos quais daremos conta nesta sorte de exegese de crítica cinematográfica.

O texto da Caimán foi escrito polo galego Jaime Pena, enquanto o de Cahiers, polo francês Nicolás Azalbert. O primeiro surge com a escusa dum número dedicado a “El otro cine español” e o segundo aparece engrossando umha secção mais da revista que tem como nome: “Découverte”. Aqui podemos fazer umha pequena reflexom relativamente à autonomia do tema. Caimán precisa dum álbi para enfrentar

singularidades dentro do cinema espanhol em que hoje, mais do que nunca, é um espelho onde se vê refletida a pluralidade cultural do estado espanhol. Esta abordagem torna-se débil quando este “especial” de Caimán só tem umha aproximação territorial: Galiza.

Neste ponto, convém continuar a aprofundar. Enquanto Cahiers enfrenta o fenómeno com autonomia, na Caimán reforça um interessado imaginário de alteridade do cinema espanhol defendendo-o, desde a editorial, como um “esforço coletivo” e “interconectados entre si”. Este desejo de rede é totalmente fictício já que um dos motivos que levou a que surgisse o Novo Cinema Galego foi devido ao elevado grau de indiferença praticada desde Madrid ou Barcelona polo que estava a ser feito na Galiza. Umha ideia que, porém, sim está anotada na revista francesa a partir do mesmo cabeçalho.

Este ponto é também altamente significativo: enquanto Pena recorre a certo simbolismo pan-teísta com o seu título “Figuras en el paisaje”, Azalbert acha um



título direto e explícito “Loin de Madrid” (Longe de Madrid). Esta diferença dá-nos a pista da reabordagem de cada texto. O de Caimán nom fai qualquer referência à etiqueta do Novo Cinema Galego e o trai à colaçom como umha deriva lógica do processo de D-Generaçom que se verificou no cinema espanhol entre 2007 e 2009. Isto é curioso porque se se aceitar umha denominação e se rejeitar umha outra sabendo que as duas surgiram do aparato crítico. Porém, o texto de Cahiers conecta diretamente com o agente propiciatório que foi a Agência Audiovisual Galega, umha instituiçom que

durante o bipartido colocou em andamento umha política audiovisual sen comparaçom da qual ainda estão a ser colhidos os seus frutos mais seródios. Umha circunstância mui esvaída em Caimán, porém em Cahiers mesmo se chega a dar voz ao que foi o seu responsável.

Após estas introduções, os dous coincidem no desenvolvimento dos artigos fazendo inventário dos filmes e dos cineastas que tiveram maior repercussom no estrangeiro. Ambos os dous textos tiram de fórmula para dar conta do que se está a fazer. Neste ponto, a aproximação de Pena é mais minuciosa e atua-

lizada, enquanto Azalbert se vê mais delimitado polo espaço e centrado na produçom que tivo oportunidade de ver durante a última edição do Play-doc.

Como vemos, nesta análise existem coincidências e bastantes diferenças. Estes textos tenhem um discurso mui condicionado pola política do meio. Enquanto Cahiers nom tem qualquer problema em denominar as cousas polo seu nome e pô-las em dialética relativamente ao resto do estado espanhol, Caimán move-se polo “politicamente correto” tentando evitar debates que poderiam abrir a “caixa de Pandora”. Portanto, encontramos-nos perante umha proposta homogeneizadora e outra singular onde, curiosamente, se complementam. Nom obstante, nom há que se conformar com esta simbiose fortuita e há que dizer que tanto numha como noutra há erros, ausências e deficiências de abordagens. Isto costuma acontecer porque normalmente a nossa história contada por outros (e aqui sim redundo na alteridade) costuma ter as linhas tortas.